

AVENIDA

A REGENERAÇÃO

Biblioteca Nacional Lisboa

Filiado no Sindicato da Pequena Imprensa e Imprensa Regional

Semanario defensor dos interesses dos concelhos do norte do distrito de Leiria

Composição e Impressão

DIRECTOR E EDITOR:

Propriedade e Administração

TIPOGRAFIA FIGUEIROENSE

Doutor Manuel Simões Barreiros

Empresa A REGENERAÇÃO

NA BRECHA

Se como português não podia ficar indiferente perante a louvável campanha levada contra o analfabetismo pelo grande órgão da imprensa — O Diário de Notícias, como professor primário sinto-me duplamente solicitado a pegar em armas.

Bem sei que o meu esforço é demasiadamente modesto e que, isolado, seria o mesmo que lutar no vácuo.

Mas como muitos poucos fazem muitos e o triunfo duma causa está mais em conjugar pequenos actos na mira do objectivo, superiormente dirigidos (e neste caso o commando está bem entregue) do que em gestos heroicos mas isolados, não tomar o meu posto na frente da batalha, seria deserção covarde a que o meu espírito não está afeito.

O clarim soou, a chamada faz-se e a minha voz responde: pronto.

E' que o inimigo é fero e pertinaz e usa uma tática contra a qual tem sido infructíferos todos os ataques empreendidos.

A hidra do analfabetismo recua tão lentamente que a batalha se fere, há tanto tempo, quasi no mesmo campo e, não obstante ter-se-lhe decepado metade das cabeças, continua a alimentar-se, vorazmente, duma grande parte da alma nacional.

Será triunfante, decisivo o combate que O Diário de Notícias agora lhe prepara?

O commando é de confiança e os soldados são, na maioria, dos melhores que se podem recrutar.

* * *

Sem dúvida que Portugal precisa de meter ombros ao obstáculo do analfabetismo e demovê-lo para justificar, culturalmente, a sua situação geográfica na Europa.

Mal se compreende que no nosso País exista na zona mais luminosa do espirito e, não se imbuindo saturadamente, dessa luz, talme em manter-se numa meia opacidade que nos confrange e envergonha perante os povos cultos.

Muitos tem sido os elixires (e sr. dr. Júlio Dantas lembrava, no seu judicioso artigo de há dias, alguns receptos para debelar esta grave enfermidade. Mas, ou porque o diagnóstico não fôsse bem feito, ou os ingredientes dos medicamentos não entrassem em dose e qualidade convenientes, ou ainda porque os enfermeiros tenham sido (o que não creio) de menor dedicação, o mal persiste, não sendo fácil prever quando o doente entrará em franca convalescença. Será ousadia da minha parte; mas, à lista dos elixires, venho juntar mais um: Segundo os cálculos do sr. dr. Júlio Dantas (artigo referido) são 20 mil professores primários e outras tantas escolas, ou antes salas de aula com o preciso material mobiliário e didáctico para preencher as exigências do ensino primário entre nós Sabendo-se que cada professor primário fica, em média, por 8 contos e que sala de aula, posta a funcionar, custa, baixo preço, 15 contos, o Estado, querendo resolver em globo o problema, teria que inscrever num só orçamento, para cobrir aquelas despesas, 310 mil contos, ou sejam 160 mil para professores e 150 mil (metade dos 300 mil contos que seriam necessários para salas, se as existentes não representassem 50%, pouco mais ou menos das precisas) para edificios escolares. E' claro que os orçamentos dos anos subseqüentes seriam aliviados da verba destinada a construção de edificios, sendo, todavia, substituída pela da sua conservação, muito menor (2% ou sejam 6.000 contos). Nestes termos e, enquanto as condições de meio e população se não modificarem sensivelmente, a escola primaria ficava pesando, no erario público com a soma de 166 mil contos, sem dúvida, ainda obesa para um orçamento anémico como o nosso. Não podendo, portanto, a Nação contar apenas com o funcionamento oficial e sendo absolutamente necessario, para dignificação da mesma e bem estar social, politico e económico do povo português, resolver o problema, entre todos mater, do ensino popular, torna-se imperioso observar as coisas por outro prisma. E então ao Estado, que lança e cobra o imposto monetario e de sangue, cabe-lhe lançar e cobrar outro a que chamarei — de «luz». As associações, de classe ou simplesmente recreativas, regimentos e agremiações de qualquer outra natureza seriam convidados primeiro e obrigados depois a manter cursos diurnos ou nocturnos para adultos analfabetos, e os individuos com determinadas habilitações, a apresentar a exame de 3.ª classe, pelo menos, um aluno. E' claro que, para interessar os alunos na frequência assidua da escola, era necessario alargar as regalias inerentes ao ensino primario. E assim, nenhum cidadão português seria autorizado a casar, emigrar e realizar quaisquer outros actos officiais sem possuir determinadas habilitações literarias, e a preferência militar seria concedida aos analfabetos que dispusessem é claro, da necessaria construção fisica. Bem sei que, nesta conjuntura, a pedagogia e outras ciências da educação teriam de suportar imensos atropellos que eu na minha qualidade de professor primario, sinceramente lamentaria. Mas para grandes males, grandes remédios e a ignorância é a mais grave doença que tem afligido Portugal. Ao Estado, competia depois ir limpando as arestas, dotando o País de escolas modernas e em harmonia com os altos principios das ciências de educação.

O Prof. José Rodrigues Dias

A C. P. distrital da União Nacional com os presidentes das Comissões Municipais, reuniram no próximo passado dia dez no Governo Civil de Leiria a convite do sr. dr. Américo Cortez Pinto, vice presidente da referida Comissão.

Assumiu a presidencia o sr. dr. Manuel Ribeiro Ferreira, illustre Governador Civil, sendo secretariado pelo sr. José Saraiva, presidente da Comissão e pelo sr. Boaventura, presidente da Junta Geral do distrito.

Nesta reunião trataram-se de assuntos importantes para o distrito e assentou-se na orientação politica a seguir, marcando-se também duas reuniões mensais, nas primeiras e terceiras segundas feiras.

O sr. dr. Manuel Ribeiro Ferreira, orientando o politica de forma a dar toda a autoridade ás Comissões, mostra uma grande tactica, facilitando-lhe também a sua missão, cujo cargo neste distrito, é bastante arduo.

E' um novo, cheio de vontade e a quem não faltam recursos intellectuais, para se desempenhar à altura das funções de que está investido.

A sua orientação, vem de encontro aquilo por que sempre temos pugnado: a época é dos novos.

E dos novos com as qualidades deste nosso amigo, que sabe querer e vencer.

DURANTE a semana tiveram lugar as noveas na Igreja, em homenagem ao Sagrado Coração de Jesus, sendo conferente o Reverendo Bernardo Chousal, conego de Evora. As conferencias foram muito concorridas.

A Comissão Administrativa da Castanheira de Pera, foi demittida. Está encarregado de organizar o novo elenco, o sr. dr. Marcolino da Silva, nosso respeitavel amigo e distinto advogado e notário na nossa Comarca.

A escolha, na presente conjuntura, não podia ser mais acertada, dada a forma como as coisas correm no concelho visinho.

E o sr. dr. Manuel Ribeiro Ferreira, distinto Governador Civil, posto ao par do que se tem passado, naquele florescente concelho, escolhendo para gerir a sua administração o sr. dr. Marcolino da Silva, mostrou mais uma vez, o seu bom senso politico.

Resta agora que o sr. dr. Marcolino da Silva saiba desempenhar, com agrado de ambas as partes, as funções de que está encarregado.

E, para isso, a nosso ver, basta que sua ex.ª, reúna as correntes em desacordo, grandes e pequenos industriais, sendo organizada a Camara de harmonia com as indicações dessa reunião.

Fazendo assim, já não havia motivos para reclamação e a Castanheira voltaria a calma politica indispensavel para que aquele florescente concelho continue progredindo, e, acaba desta forma a fama do concelho irrequiêto.

O grande jornal «Diário da Manhã» órgão do Governo da Ditadura, no inquerito que está fazendo ás diferentes terras do País, para de visu verificar o que se tem feito com a acção da Ditadura, também aqui mandou um enviado especial.

O sr. Jorge Simões, redactor do «Diário da Manhã» que esteve entre nós durante alguns dias, não se cahça de admirar o quanto se tem feito, neste concelho nos quatro ultimos anos, afirmando que Figueiró, é sem dúvida, a terra onde a administração Municipal e de Turismo tem feito profizios, podendo-se apresentar as outras como exemplo de progresso e de trabalho.

Já nos tinham falado de Figueiró, dizia este nosso amigo, mas o que vi, em melhoramento e belezas naturais, val muito além da minha expectativa.

Esta obra grandiosa, desarma e desmoralisa toda a propagação.

Assim é que é fazer politica.

A PRAZ-NOS transcrever o

que segue: Pelo decreto n.º 18.141, de 22 de Março de 1931, foram instituidos 300 premios anuais com destino a professores particulares do ensino primario que habilitem alunos para o exame do 1.º grau ou para a passagem da 2.ª para a terceira classe daquelle ensino.

Podem concorrer aos referidos premios cada um dos quais pode atingir a quantia de 1.200\$000, os professores devidamente inscritos que exerçam o magisterio em povoações rurais em que não funcione qualquer escola official ou situadas a não menos de 3 quilómetros de outra em que funcione qualquer escola.

No orçamento do Ministerio da Instrucção inscreve-se uma dotação de 360 contos para satisfazer os encargos do pagamento dos premios.

Trata-se de uma medida de estimulo, com que o Governo da Ditadura Nacional incita a divulgação do ensino das primeiras letras, para se diminuir o numero de analfabetos.

No corrente ano apenas um professor, sr. João Fernandes Pratas, que exerce o ensino em Samora Correia, concelho de Benavente, Região Escolar de Santarém, se apresentou em condições de beneficiar do premio. Por despacho de 28 de Setembro de 1931, foi determinado que lhe seja paga a quantia de 850\$000 escudos.

Chama-se a atenção dos interessados, para que no próximo ano não deixem de ser dados todos os premios, que a lei instituiu.

Só podem vir a concorrer os professores que até 31 de Dezembro prestarem na sede da Inspecção da Região Escolar, informação dos nomes dos alunos que lecionam e das classes que cada um deles frequenta.

G. N. R.

A G. N. R. desta vila ameaça-nos em consequência de aqui dizermos um puchado de verdades.

Pois, que venham, que nos encontram sempre no nosso posto.

A verdade havemos de dizê-la, embora custe a muita gente, e, não tardará o dia em que se faça luz e justiça.

E ela há-de ser feita, custe o que custar.

Nós bem sabemos que à volta desta questão se movem grandes influencias, mas que importa, se não for hoje, há-de ser amanhã, dada a razão a quem de direito.

E então havemos de dizer tudo, e até, e forma como se fazem sindicancias, dando-se o caso extraordinário de primeiro se preparar a defeza, ouvi-la e só mais tarde quando as circunstancias obrigam, se ouve a accusação, e ainda, com a agravante de não se escrever o que as testemunhas narram quando comprometem ou podem comprometer.

E' assim que se tem feito sr. Comandante da G. N. R.

Joaquim H. Simões

O nosso bom amigo Joaquim Henrique Simões, bemquisto commerciante em Coruche por ocasião em que esteve na sua terra natal, no lugar do Fontão Fundeiro, deste concelho, com seus dois filhos Joaquim e José ofereceu ás pessoas mais gradas da terra e circunvisi-

com grande animação. Tomaram parte nesse jantar os nossos estimados amigos:

José Simões Barreiros, José Simões Lucas, Joaquim Simões Prior, José Simões Costa, José Lopes Henriques, José Alves Leal, Joaquim Simões Lucas, Joaquim Simões Pedro, Joaquim Simões Junior, José Mendes, José Simões Angelo, José Dias Ladeira, José Simões Lucas, Manuel Simões Ladeira, Manuel Simões Abreu, Manuel Simões Lucas, Manuel da Silva Junior, Manuel Nunes Rodrigues, Manuel da Costa, Manuel Duarte Ferreira, Manuel Simões Junior, Manuel da Silva Pereira, Antero Simões Seguro, Abilio Simões Ladeira, Abilio Henrique dos Santos, Américo Henriques, Albino dos Santos, Antonio Francisco, Albino Simões Arinto, Eduardo Ferreira, Victorino Simões Lucas, Francisco Pereira, Cipriano Simões Prior e Ramiro da Silva.

Este jantar decorreu na melhor ordem, sendo no final muito vitorioso, e todos aqueles que a freguesia de Campelo têm prestado grandes serviços, como o sr. dr. Martinho Simões e o nosso Director dr. Simões Barreiros.

FALECIMENTO

Faleceu no dia 9 do corrente, com 73 anos de idade, nesta vila, o proprietário sr. José dos Santos, O seu funeral foi muito concorrido, tendo-se organizado vários turnos até à sua ultima marada.

A viuva, filhos, filhas e seu genro o nosso assinante sr. Manuel Simões Fidalgo apresenta «A Regeneração» o seu cartão de péssames.

Visado pelo Censor, de Tomar

A Cigarra Canta:

Que o fardo do homem ainda não foi suficiente para farejar o autor desta secção.

Que para isso, vai mandar vir um policia secreto.

Que um novel dançarino (não confundir com bailarino, porque estes em geral são de parte duvidosa e para isso niuguem o queria) tentou organizar mais um baile, para contentar as damas, visto não ter dançado nada no ultimo.

Que o sr. Prior, faz terminar sempre as conferencias, quasi ás dez horas, motivo este que obriga o comercio a estar aberto até a mesma hora, e os empregados ao balcão à espera dos mosquitos.

Que um jovem académico, que faz parte da esperancosa e radiosa academia Figueiroense, vai comprar um pente electrico para ondular a falva cabeleira.

Que se projectam grandes festejos para a inauguração dos candieiros e da lápide do jardim.

Que nm Figueiroense se prepara para bater o record nacional do disco.

Que o Henrique conseguiu arranjar a vindima de maneira a acompanhar a sua dama até Coimbra.

Que o Santos foi surpreendido ha pouco, em mangas de camisa, numa janela que não era a do quarto dele-

tôdo o póvo de Figueiró.

Que apareceram por aí capas e batinas, que nos dão a doce ilusão de estarmos na cidade da Luz.

Que os colarinhos de côr que alguns desses académicos nsam, não são da praxe.

Que o cadaver volante, mandou vir mais três camisolas para vestir por cima das cinco que já usa.

Que o Campos para inaugurar o ring do fundo da vila, pôs o João K. O. ao primeiro rond.

Joaquim Francisco de Carvalho

ALMODOVAR, 4.— Faleceu o sr. Joaquim Francisco de Carvalho, residente nesta vila, onde, há 25 anos, era agente do «Diario de noticias».

O extinto contava 58 anos e era natural de Alagôa da Freguesia de Vila Facaia; aos vinte anos de idade estabeleceu-se em Almodovar na qual conseguiu juntar bastantes meios de fortuna, sendo estimado por todos.

Deixa viuva a sr.^a D. Maria Augusta de Carvalho e era socio da firma comercial Carvalho & Nascimento. A sua morte consternou fundamente a população local, tendo o comercio encerrado as suas portas durante a realização do funeral, que teve longo acompanhamento.

Vende-se

Uma fazenda chamada Cardiga, de rega, com mato para ela, com oliveiras, videiras, muitas arvores de fruto.

Quem pretender, dirija-se a José Simões de Almeida, desta vila.

Departamento de Turismo e propaganda de Portugal

Recebemos, do Rio de Janeiro, uma carta em que se nos dá conhecimento de que acaba de ser instalado, naquela cidade e sob o patrocínio da Companhia Nacional de Navegação, e «Departamento de Turismo e Propaganda de Portugal», cujas finalidades se encontram resumidamente descritas na circular que veio junta e adiante transcrevemos.

Como se trata dum organismo de elevados fins patrióticos e as vantagens que oferece a sua criação, podem aproveitar aos filhos da nossa região que habitam em Terras de Santa Cruz, o nosso jornal não podia recusar a publicidade da referida circular:

O «Departamento de Turismo e Propaganda de Portugal», cujos serviços são gratuitos, tem por fins:

orientar a propaganda de Portugal no Brasil e dar-lhe o maior incremento, de modo a atrair o maior número possível de visitantes ao nosso país;

oferecer todas as informações que possam interessar sobre Portugal, tais como hotéis, termas, caminhos de ferro, escolas, etc.

distribuir pelo modo mais proveitoso todos os produtos de propaganda editados pelas Comissões de Iniciativa, Turismo, Hotéis ou outras quaesquer entidades e que visem a propaganda de Portugal;

Crear uma publicação mensal, necessárias e se constitua num meio de chamar a atenção para Portugal, fazendo ao mesmo tempo propaganda das nossas termas, praias, etc.

fazer simultaneamente a propaganda dos livros portugueses e bem assim dos jornais e revistas de todo o país, procurando manter uma espécie de Agência onde estas sejam vendidas e distribuidas;

ter sempre em exposição cartazes, fotografias de Portugal, livros e, quando possível, productos portugueses;

numa palavra, mostrar no Brasil os grandes progressos de Portugal e incitar os nossos compatriotas a visitar a nossa Pátria.

GÊLO

VENDE-SE qualquer quantidade na Misericordia de Castanheira de Pera

AGRADECIMENTO

Manuel Simões Fidalgo, Maria Clara dos Santos e filhos, veem por este meio, não podendo fazer pessoalmente e recerem qualquer omissão, aliás involuntária, agradecer a todas as pessoas que a casa se foram inscrever, bem como às que se não inscreveram e ainda a todos que acompanharam o seu muito chorado sogro, pai e avô, José dos santos, tanto na sua doçura como até à sua última morada.

Permita-se-lhes que de uma maneira especial agradecem ás suas irmãs, conhados e sobrinhos o terem-nos tambem acompanhado na sua dôr. A todos, pois, a sua eterna gratidão.

CARTEIRA

Comprimntamos nesta vila o nosso amigo e assinante, sr. Antonio Dias, professor primário na Sertã.

— Sairam para Coimbra, a continuar os seus estudos, na Universidade, os briosos estudantes José de Paula Abreu e Vasco Cid das Neves e Castro.

— Cumprimntamos na nossa redacção o nosso amigo e assinante, sr. Aurelio Joaquim Tomaz, de Lisboa.

— Regressou do Gerez onde permaneceu algum tempo, o nosso amigo e assinante sr. Carlos da Silva Feitor, desta vila.

Em que se passa

Em Londres as mulheres gastam muito tempo e muito dinheiro para serem belas.

Os institutos de beleza de Londres, que actualmente ali são tão numerosos como em Paris, são frequentados por muitos clientes, cada uma das quais não gasta menos de 120 libras por ano para tratar da pele, dos cabelos e das unhas. São, na maior parte, inglesas. Algumas têm assinaturas para esses serviços, tendo, três vezes por semana, um tratamento ao rosto, e a massagem do pescoço, dos ombros e dos braços pagando dez libras por mês. Mas as americanas gastam muito mais, pois além destes tratamentos têm tambem exercicios especiais de gymnastica.

Um grande numero de mulheres passa muitas horas por dia num desses institutos de beleza. Estão uma hora no banho turco, depois têm ali uma hora de repouso antes dum ligeiro almoço. A seguir submetem-se ao tratamento do rosto, á ondulação do cabelo e ao tratamento das mãos. Pagam cada uma, conforme os serviços, entre duas e três libras por semana.

Se considerarmos que em Inglaterra o tempo tambem é dinheiro, podê fazer-se uma ideia de quanto é carissima em Inglaterra a beleza feminina...

Pagamento de assinaturas

Foram pagas na nossa redacção as assinaturas do nosso jornal referentes aos nossos amigos.

Damasio Coelho Faria, Beira José F. Antão Junior, Manhiça-L. Marques.

José Coelho Fernandes, S. Paulo-Braíl.

João Coelho da Fonseca, Varzeas.

BOM EMPREGO DE CAPITAL

Eduardo Caetano de Oliveira actualmente em S. Tomé desgostoso com a familia resolve vender a sua propriedade com todos os seus logradouros situada na freguesia da Graça composta de lojas-sobrado e mais dependencias anexas vinha arvores de fruto. Para mais informações falar com o procurador José Henriques da Silveira, Pedrogão Grande 3-3

Mármorez de Extremoz

Os melhores de Portugal. Brancos, pretos, cor de rosa, laivados; para mobílias, mesas de cosinha, balcões, de padarias, mercearias, tabernas, etc. Serrados ou polidos. Preços de concorrência. Fornece

a Companhia de Serração

Figueiró dos Vinhos

Jorge Marçal
MEDICO
Doenças da boca e dentes
consultas: terças, quintas e sábados, ás 13 horas.
Praça José Malhóa
Figueiró dos Vinhos

Dinheiro

Empresta-se a juro de 15% sobre primeira hipoteca. Quem pretender dirija carta a esta redacção com as iniciais A. C. J. 173-77

Ulisses Antonio da Conceição

Rua Almirante Reis
POMBAL

Ferro em barra e em chapa, aço de molas, em vergalhão e para calçar. Carvão de forja.

Grande sortido em ferragens

CAL HYDRAULICA

Agente e depositário do

CIMENTO LIZ

nos concelhos de Ancião, Castanheira de Pera, Figueiró dos Vinhos, Pedrogam Grande e Pombal. 48-33

Preços da fábrica

PROPRIEDADES

Com boas casas para habitação, vinha e arvores de fruto. Sendo uma sítia à Portela-Lavandeira, e outra à Ribeira de São Pedro.

Podendo esta ultima, ser dividida ao meio ou em talhões—Arrenda Francisco Simões Ladeira. 6-5

Fazendas baratas

Riscados Vizela 2\$30 e 2\$50
Toalhas turcas 2\$50
Sortido de tecidos de algodão e la para senhora, aos melhores preços.
Algodão cru nos preços das fabricas
A casa que vende mais barato
Joaquim de Matos Pinto
Figueiró dos Vinhos

Anúncio

COMARCA DE FIGUEIRO DOS VINHOS

(1.ª Publicação)

Faz-se saber que no dia 8 de Novembro próximo, pelas 12 horas à porta do Tribunal Judicial desta comarca, vão à praça para serem arrematados pelo maior preço oferecido além do indicado, os imóveis descritos, e no dia 15 do mesmo mês, á mesma hora no lugar da Sapateira, vão á praça os moveis indicados tudo arrolado na falência que José Tomaz Henriques Novo e Adelino Tomaz, proprietários da Sapateira, moveram contra Alfredo Henriques dos Santos, comerciante, daquele mesmo lugar.

IMOVEIS

- 1.º—Uma morada de casas, de sobrado, lojas e quintal, no sitio e limite do Vilar, freguesia de Castanheira de Pera, confronta do sul com estrada pública; norte com Francisco Peralta, poente com estrada pública e nascente com herdeiros de Adelino Bernardo Fernandes, vai á praça no valor de 5.000\$00
2.º—Uma casa que serve de palheiro, sita ao oteiro, dito limite e freguesia confrontando do nascente e norte com Augusto Alves Pereira, poente e sul com estrada pública, vai á praça no valor de 400\$00
3.º—Uma casa que tambem serve de Palheiro e terreno contiguo, no lugar do Vilar, dito limite e freguesia, confronta do nascente e poente com estrada pública, note com Gustavo Alves Bebianio e sul com francisco Alexandre, vai á praça no valor de 1.000\$00
4.º—Uma sorte de terra sita ao Pelóme de Cima, dito limite e freguesia, confrontando do nascente e poente com estrada e norte com o caminho e sul com herdeiros de José Henrique dos Santos, vai á praça no valor de 400\$00
5.º Uma outra sorte de terra, sita ao Pelóme de Baixo, limite e freguesia dita, confrontando do nascente e norte com a estrada distrital, sul com Alfredo Alves Pereira e poente com Francisco Peralta, vai á praça no valor de 400\$00
6.º—Uma sorte de terra com oliveiras, sita à Linteira, dito limite e freguesia, confrontando do sul com estrada; poente com Augusto Alves Pereira; nascente e norte com Gustavo Alves Bebiauo, vai á praça no valor de 200\$00
7.º—Uma sorte de terra no Pelóme de Baixo, dito limite e freguesia, confronta do nascente com estrada distrital; sul com herdeiros do José Nunes, norte com Francisco Alves de carvalho, vai á praça no valor de 200\$00

- 8.º O direito a uma terça parte duma sorte de terra, sita ao Pelóme de Baixo, limite e freguesia, dito confronta do nascente com Antonio Alves de Carvalho, poente com estrada, norte com Albano Alves de Carvalho e sul com Francisco Peralta, vai á praça no valor de 200\$00
9.º — O direito a uma terça parte de uma sorte he terra, sita ao Ribeiro da Sapateira, dito limite e freguesia, confronta do nascente com o ribeiro; norte com Domingos Henriques Veras, poente com a estrada a sul com Domingos Peralta, vai á praça no valor de 200\$00
10.º— O direito a metade de um olival, sita ao Vale da Rixa, limite e freguesia ditos, confronta do nascente com Manuel Joaquim Canário; norte com a estrada, sul com Regateira e poente com José Francisco do Bólo, vai á praça no valor de 300\$00
11.º — Uma sorte de terra sita ao Régo, mesmo limite e freguesia, confronta do nascente com Miguel Henriques de Carvalho, sul com Régo; norte e poente com herdeiros de Francisco Alves, vai á praça no valor de 80\$00
12.º—O direito a uma quarta parte duma sorte de terra com carvalhas, sita à Relva, limite e freguesia ditos, confronta do nascente com estrada; norte com Maria do Barreiro; sul com Regateira o poente com Gustavo Alves Bebianio, vai á praça no valor de 100\$00
13.º—Uma terra sita ao Alqueve do Vilar, freguesia dita, confronta do nascente, poente e sul com Domingos Peralta e norte com o caminho, vai á praça no valor de 200\$00
14.º—O direito a metade de um pinhal sito à Malhada dos Bois, limite e freguesia ditos, confronta do nascente com José Henriques Veras, poente com José Maria Henriques Viega; norte e sul com estrada, vai á praça no valor de 100\$00
15.º — Um pinhal ao Ribeiro da Sapateira, limite e freguesia ditos, confronta do nascente com Maria Rosa; poente com José Henriques, de Pera, sul com a estrada e norte com Manuel Bernardo, vai á praça no valor de 150\$00
Todos estes predios são situados no limite do Vilar, freguesia de Castanheira de Pera.

MOVEIS

- 16.º — Catorze pares de tamancos, vão á praça no valor de 60\$00
17.º—Uma garaafa de vinho do porto e duas de xarope, cheias; e uma de vinho do porto e outra de xarope, quasi cheias, vão á praça no valor de vinte e cinco escudos; cinco quilos e novecentas gramas de prego de tamancos; vinte e duas e meia velas de esterina; nove novelos de linhol e trinta

- e quatro novelos de fio de vela, vão á praça no valor de 90\$00
18.º — Trinta e uma limas, de diversos feitios, grandes, vão á praça no valor de 50\$00
19.º— Vinte limas mais pequenas, cinco cabeças de martelos, quinze caixas de pomada, para calçado e duas cartas de protectores para calçado, uma já encertada, vai á praça no valor de 80\$00
20.º — Sete quilos de café; dois pacotes de cacau; duas garrafas de vidro varias; três bacias de esmalte, pequenas, vão á praça no valor de 50\$00
21.º—Um lote ds pano para caixões, vai á praça no valor de 50\$00
22.º—Um outro lote de pano para caixões, vai á praça no valor de 50\$00
23.º—Um lote de papel para carta e uma caixa de galões para caixões, vai á praça no valor de 50\$00
24.º — Seis pacotes e meio de pregos, cinco pacotes de papel «Rei de Basto», dezanove carros de linhas; uma fechadura inglesa e uma caixa com borrachas pequenas vão á praça no valor de 50\$00
25.º — Trinta carros de linhas, grandes, duas cartas de alfinetes e uma caixa de alfinetes do dama e ainda seiscentos e cinquenta gramas de isca, vão á praça no valor de 50\$00
26.º — Uma caixa de fio de velas; dois quilos de café, um par de tamancos; dóze copos de diversos tamanhos e uma panela grande de esmalte e um lata com café de cevada, vão á praça no valor de 50\$00
27.º—Uma fechadura inglesa, uma torneira de metal amarelo; três fechaduras para caixões; um serrote velho; duas cafeteiras e duas assadeiras de esmalte; uma bacia de esmalte e dezasseis copos de diversos tamanhos, vão á praça no valor de 50\$00
28.º—Uma balança de braços com sete pesos de metal e dez de ferro, vão á praça no valor de 60\$00
29.º—Duas torneiras de metal; uma frigedeira, três testos e um pequeno jarro, de esmalte; e uma tesoura de costura, vão á praça no valor de 50\$00
30.º — Otto quilos de sabão rosa; quatro pesos de ferro; sete chapéus, pequenos, de palha; dezoito carros de linhas pretas, um lote de cartuchos de papel para embrulho; um pacote de brochas; uma bilha de lata; três caixas de ilhoz para sapatos; três onças de tabaco superior e uma mão de caixão, vão á praça no valor de 50\$00
31.º—Dez quilos de macarrão, dentro duma tulha; cinco quilos de assucar e dez quilos de arroz dentro de sacos, vão á praça no valor de 50\$00
32.º—Dezasseis pinceis grandes e onze pequenos vão á praça no valor de 50\$00
33.º—Um caixote com qua-

PREÇOS FIXOS

Só no GUSTAVO COELHO GODET

FIGUEIRO DOS VINHOS

Sortido completo em tecidos de algodão e de fazendas para enxovais. A toalhadões e panos para lençoes e Retrozaria e chapéus.

Estes colossais preços só vendo

Sempre preços das fabricas



LOJAS 5.000\$00

Arrendam-se duas lojas ao fundo da vila no prédio de D. Enillia Lacerda. Trata Carlos Lacerda.

- renta torneiras e catorze colheres, vão á praça no valor de 50\$00
34.º—Três letes de panos e galões para caixões, vai á praça no valor de 80\$00
35.º— Onze garrafas de cerveja, cheias e dezanove vasia; trinta e quatro pirolitos cheios e quinze vasio, vão á praça no valor de 50\$00
36.º—Uma balança romana com o seu pilão; quatro vassouras de mão; duas quartas e uma lanterna, vão á praça no valor de 50\$00
37.º—Dezate quilos de corda, vão á praça no valor de 105\$00
38.º—Um garrafão de vidro, com cerca de três litros de azeite, tendo um funil e medida em cima; um outro garrafão, também de vidro e em vinho; três panelas de ferro, vão á praça no valor de 50\$00
39.º — Um caixote e uma bacia de zinco com vidros, vai á praça no valor de 50\$00
40.º — Uma lata com petróleo dentro e uma medida com funil, vai á praça no valor de 50\$00
41.º—Um cabaz contendo atacadores e vários outros objectos, vai á praça no valor de 80\$00
42.º — Um caixote contendo fechaduras, martelos e vária sucata. Uma lata também com sucata, vai á praça no valor de 80\$00
43.º — Dois caixotes e uma cesta contendo pregos e fechos diversos, vai á praça no valor de 75\$00
44.º—Desasseis garrafas varias; um pipo grande e um pequeno, aquele vasio e éste com abafado, vai á praça no valor de 80\$00
45.º—Um pipo com três almudes de vinho tinto, vai á praça no valor de 80\$00
46.º — Sete peças de ferro; três latas; um saco e um caixote com sal; uma torneira de pau e dezanove folhas de lixa para madeira, vai

Emprestam-se sobre primeira hipoteca; escutas nas elas do p. dr. Diniz de Carvalho.
Informações: cartório do sr. dr. Diniz de Carvalho.
47.º Uma cama de ferro com enxergão, uma mesa de cabeceira e um lavatorio com bacia de pó de pedra e duas cadeiras, vai á praça no valor de 150\$00
48.º Um serviço de louça para jantar (Vista Alegre) com noventa e duas peças, vai á praça no valor de 250\$00
49.º—Um serviço de chá, incompleto, com vinte e nove peças, vai á praça no valor de 80\$00
50.º — Quaranta e cinco pratos brancos e uma manteigueira sem tampa, seis colheres de alpaca para chá e outras seis para café, vai á praça no valor de 50\$00
51.º — Sessenta e sete copos de diversos tamanhos e feitios, um paliteiro e uma caneca de vidro ou antes, uma garrafa de vidro, vai á praça no valor de 50\$00
52.º—Um guarda louça de castanho, vai á praça no valor de 220\$00
53.º—Uma cómoda de cerejeira, vai á praça no valor de 150\$00
54.º — Um relógio de sala e um espelho, vai á praça no valor de 100\$00
55.º—Duas cadeiras, uma arca e uma mesa, vai á praça no valor de 50\$00
56.º — Uma mesa grande de pinho, duas arca; sendo uma de castanho e outra de pinho, duas cadeiras; quatro pranchas de castanho; sete tortos de castanho e três barrotés de castanho, vai á praça no valor de 80\$00
57.º—Cinquenta e seis peças de castanho entre elas alguns barrotés e quatro molhos de folha de milho, vai á praça no valor de 100\$00
Pelo presente são citados quaisquer credores incertos, que o Sr. Gustavo Alves Bebianio, proprietário da loja, não sabe quem são, para que compareçam ao escritório do 2.º officio, no lugar da Sapateira, a fim de declarar a existência ou não de dívidas contra o Sr. Gustavo Alves Bebianio.
O Juiz de Direito, Alfredo Régo

A Beleza e as Delícias da Serra POR CASTANHEIRA DE PERA

Excursão a Tomar

Reunidos os alunos do Curso de Ensino Livre Secundário, da Rascoia, realizaram ao passado dia 11 de Agosto uma excursão a Tomar presidida pelo ilustre professor, ex.º sr. dr. Humberto Luiz Paiva de Carvalho.

Chegados ali, instalámo-nos no Mouchão Parque onde vagarosamente saboreámos o almoço à maneira de pic-nic.

Findo este, dirigimo-nos ao Convento de Cristo. Tentar explicar aquelas maravilhas arquitetónicas, aquela janela da Casa do Capitulo, que arranca um—Ahl...—a quem se detiver um pouco a observá-la, é inútil. No entanto eu procurei, tanto quanto possível, descrever algumas coisas. Ver as armas iguais aquelas com que os nossos antepassados pelejaram contra os mouros para nos darem o território que hoje possuímos, sacrificando tantas e tantas vidas, é comovente.

Ver a arte arquitectónica representada na Janela da Casa do Capitulo, nas fachadas e em tantas outras partes é-o também. Como os antigos se ocuparam em coisas que hoje nos parecem fúteis, como por exemplo: o pé do sobreiro, a fivela e tantas outras coisas!...

Que liado panorama se disfruta do alto da Torre de Menagem!

Passadas as duas horas que o Convento nos levou a ver, sentámo-nos debaixo de umas árvores que se encontram no largo do Castelo saboreando uma deliciosa melancia. Acabou a visita ao Convento.

Dirigimo-nos à fábrica do papel «Prado» onde fomos recebidos com uma amabilidade inesquecível.

O gerente, homem delicado, pôs à nossa disposição um empregado para nos mostrar toda a fábrica.

Vimos as transformações que o farrapo sofre até dar o mais fino papel. Voltamos ao Parque. Em seguida realizou-se o passeio de barco em que todos disputaram o remo.

Como voaram aqueles minutos em que andámos na água! Arrancados a custo, do barco, dirigimo-nos ao local onde havíamos de jantar. Todos se sentiam inteiramente satisfeitos não só porque estavam à vontade, mas também pela boa camaradagem.

São momentos que, com franqueza, em recordo com imensa saudade e que me deixam triste pelo facto de se não poderem repetir muitas vezes.

E, para terminar, permita-me o ex.º sr. dr. Humberto Luiz Paiva de Carvalho — organizador de tão saudoso passeio — agradecer-lhe os agradáveis momentos que nos proporcionou.

Alvaizere, 28.9.931.

Estevão de Almeida Castelão

dos pequenos, com excepções é claro, para continuarem a descer os teares mecânicos e máquinas de barretes mecânicos dos grandes industriais. Já não era novidade para os leitores! Já assim tinha sido no ano anterior e no outro ano, porque não havia de continuar a sê-lo, se os magnates eram os mesmos e urgia prosseguir tão monumental obra cobrindo-a com um riquíssimo telhado, architectado e executado pelos dois referidos funcionários, hábeis delegados do «Grupo dos Sete»? Naturalmente! Juntou-se a fome com a vontade de comer!...

Maldito «Grupo dos Sete»! Explorava o operariado, explorava os pequenos industriais, explorava o Estado, explorava o Município, explorava... até o Município directamente, como aconteceu com a questão da energia eléctrica de que oportunamente nos ocuparemos... Explorava tudo... o que fosse possível!

Sentimos calafrios quando fazemos passar pela nossa mente os seus planos, os fins que queria conseguir, os objectivos que pretendia atingir!

Maldito «Grupo dos Sete»! Mas que maldito «Grupo dos Sete»!

J. Fernandes de Carvalho

De súbito mostram-nos além pertrechada, a Cabeça do Preto, mal delineada como incerta e selvática rocha.

E nós subimos, subimos ainda, perdendo de vista Manteigas, oculta na depressão enorme do terreno, as suas encostas fronteiriças de exuberante vegetação que constituem a sua melhor glória.

Mudança de fita; outro cenário: A vegetação rasteira, pobríssima, sinal manifesto de região fria, improdutiva, em que a Natureza parece morta.

Ainda na encosta, de doce declive, saibrosa, observamos barracas, construções ligeiras e chalés, assimétricos na disposição relativa e nos traços arquitectónicos.

São em geral edificações baratas, ocupadas de Maio a Outubro por organismos abalados, doentes. E' estancia de repouso reconfortante em plena Serra, na montanha. Está a 1.500 metros de altitude.

Tem duas casas de saúde (P. Estrela e P. Montanha.)

Um pouco mais acima, desceindo do cume, na vertente, ou melhor flanco oposto, a sudoeste, estão as Penhas Douradas. Douradas só em nome; escuras são elas do puro granito baifão, em que predomina a biotite.

Dispersas em colossais blocos, aqui, além e acolá, com planuras e relevos de permeio, fornecem-nos lombas compactas a norte.

Ledos saltam em terra os excursionistas. O Sol brilha agora, e aqui, em todo o seu esplendor.

Correm já de uma a outra penha, admiram-lhes a forma, a cor escura granítica, as anfratuosidades aqui limitadas, e, supondo-se hercúleos, tentam movê-las! num arranjo puramente infantil!

Enquanto uns sobem aos pontos mais altos, acessíveis, numa sede inextinguível de subir, subir, tocar o céu, o Amarillis, simultaneamente feito dona de casa corado dedicado, põe a mesa na sombra relvosa escolhida por unanimidade. O director da excursão, postado no extremo superior da rocha dá o sinal de reunir. O almoço frio, com uma fonte de gelo ali próxima, começa.

A pouco e pouco os convivas vão reparando. As cadeiras, sem costas, nem pernas, são atapeadas de verdura. A mesa é larga, de constituição analoga às cadeiras, de idêntico aspecto campesino.

Servem o modesto almoço (ali considerado opiparo), Amarillis e Angelina.

Diz suas graças D. Natividade, económica nas palavras e no gesto; solta seus ditos conceituosos, cheios de espirito, a doutora, D. Carmen; colabora nos ditos o Jaime Costa, alfacinha dos quatro costados?

E come-se, come-se com appetite, sem necessidade de outros apêndices, além do bom humor e do artonificante.

Corre-se novamente pelo campo, este tempo cá perto do céu, exergando-se a nordeste a Guarda, um pouco em baixo.

As donzelas sempre gentis, como alpinistas consumadas, sobem, trepam aos pontos arriscados da penedia, dando-se as mãos numa graciosidade tocante, não pensando nos perigos eminentes que só a agilidade e a flexibilidade inextinguíveis evitam.

Viram, observaram tudo, ainda os pontos mais recônditos da rocha,

de diversísimas anfratuosidades, em plena liberdade, afastadas e sós.

De coração oprimido, julguei-as molestadas, perdidas; procurei-as. Trepava já a maior das penhas, feita estava meia subida; no pináculo um braço torneado, anatomicamente artístico, se levanta:

«Não suba mais; é vedada a passagem à vertente oposta da penedia!!!»

Aquele espectáculo grandioso da penedia, aqueles novos e vastos horizontes, aqueles panoramas que a vista enleiam, já não são para nós, pensei...

Olho atentamente agora para o automóvel, camionetes, que chegam umas, que saem outras. São famílias inteiras; colegiais em visita de estudo.

Passa-se, dança-se e bebe-se daquela água manante que as mãos congela, na própria fonte bucólica.

Várias máquinas fotográficas trabalham; recolhem preciosas recordações destes sítios deliciosos.

A Serra dá vida; a Serra é a própria vida. Procurai-a; subi-a; percorrei-a; vivei nela. Amai as suas belezas, as suas delícias. Depois descei à planície ao povoado para o labor intenso a que as condições sociológicas obrigam.

O tempo urge e o trajecto é longo para um só curto dia.

Levantada a mesa, tomados os lugares, o automóvel, orgulhoso, garbosamente atravessa os relevos de nascente fresco, de bica pastoril; transpõe o cume e num relance amorável de aliar se despede de quem fica e do que fica, trazendo no coração em traços profundos de saudade recordações gratíssimas, inapagáveis.

Percorremos já a Região dos Sanatórios, serpenteando na descida por entre chalés, barracas, edificações ligeiras.

A sudeste, a curto espaço, ficamos a rocha granítica do quartzito, com predominância do feldspato, que os turistas sedentos de recordações da Estrela, munidos de martelos, vão desfazendo, levando e espalhando pelo País, pelo mundo.

As nossas afectuosas companheiras, de vista e gosto cromático, apurado, procuram avidamente reliquias da rocha fascinante que trazem em profusão. E a marcha veloz segue através da nossa amada Estrela; de vegetação rasteira em suas planuras, suas quebradas, seus montes, cabecos, picos alterosos, impressionantes, em direcção a Gouveia.

A descida, sempre descendo, é extensíssima, com aspectos diferentes, horizontes larguíssimos no occaso. Lá em baixo, a poente, panoramas dignos da tel.; perto e longe quadros assombrosos a que o tom azul do céu favorece.

Além da meia descida, abaixo da Carvada Morte encontramos, junto à estrada, a Cabeça do Velho, que a Doutora fotografa e em contemplo e observo: A testa é larga, os olhos covados; o nariz adunco, a boca levemente rasgada, loquaxo bem pronunciado, o duplo mento visível, a face esquerda imperfeita.

Está lavada pelas chuvas e águas-cieiros, imada pelos ventos e granizos; demonstra claramente os caprichos da Natureza e mostra a quem passa obra do grande escultor — o Criador.

(Continua)

Manuel Domingos Godinho

Quando na nossa última correspondência tratámos da distribuição da contribuição industrial para o ano de 1929-1930, fizemos salientar o razoável critério e incontestável espirito de justiça que animou a comissão encarregada da determinação do quantitativo das transacções composta pelo Secretário de Finanças e Tesoureiro da Fazenda Pública, e vimos que, ao passo que o tear manual dos pequenos industriais tinha ido para cá de 3,5 vezes mais do que as transacções que lhe tinham sido atribuídas em 1927-1928, o tear manual de alguns dos grandes tinha ficado apenas em cerca de 1,5 e o seu tear mecânico nem sequer tinha duplicado!

Enquanto a máquina de barretes manual dos pequenos industriais tinha sextuplicado e mais ainda, a máquina de barretes mecânica dos grandes apenas tinha subido para 1,5 vezes o que lhe tinha sido distribuído no referido ano de 1927-1928!

Justiça!... Critério!... Mas aonde?

Se o tear manual dos pequenos industriais foi para mais do triplo do que estava em 1927-1928, porque não foi também para mais do triplo o tear manual e mecânico dos cinco grandes industriais, tendo ficado em 1,5? Porquê?

Se a máquina de barretes manual dos pequenos industriais foi para seis vezes mais do que estava, porque não foi também a máquina de barretes mecânica dos cinco grandes industriais que ficou apenas em 1,5 ou vice-versa?

Porquê? Ora... porquê!... Porque era necessário aumentar nos pequenos para diminuir nos cinco grandes industriais, e, por isso... a proporção não podia ser a mesma!

Não conhecemos muito detalhadamente a forma como foi feita esta distribuição, absolutamente falha de critério e isenta daquele espirito de justiça que em tais actos de justiça deve existir (e que admiramos), sendo esta a razão porque não fazemos a sua análise minuciosa com números e dados seguros por acharmos dispensável.

O que fica exposto é já o suficiente para que os leitores possam avaliar a grandeza e a sumptuosidade da obra a que o «Grupo dos Sete» se abalçou, conseguindo naquele ano levantar as paredes sobre os fortes alicerces de 1928-1929.

A proporção existente entre o volume de transacções correspondente a um tear mecânico dos grandes industriais e o de um tear manual dos pequenos que em 1927-1928 era de 2,3 e em 1928-1929 passou para menos de 2, ficou neste ano de 1929-1930 em muito menos de 1,5!

Só neste ano as cinco grandes firmas industriais deviam ter ficado favorecidas em milhões de escudos de transacções de que os pequenos industriais tiveram de pagar a respectiva contribuição que ascendeu a algumas dezenas de milhar de escudos!

Pequenos industriais!... Não sabemos como alguns deles ainda resistiram! Maldito «Grupo dos Sete»!

Malditos os seus delegados que se prestaram a cometer tão grande escandaloso!

Oh! se nós não soubéssemos porquê!... E foi assim... e foi assim que se fez a determinação das transacções para o ano de 1929-1930. Os pequenos industriais, pacientemente, pagaram tudo o que lhes foi exigido. Alguns estranharam... mas não repontaram, porque, ingenuamente, julgaram que era geral, para todos, com um critério justo e recto. Os grandes lamuriaram-se aparentemente, perante os pequenos, mas não divulgaram as suas colectas industriais para não dar in ensejo a que se fizessem comparações. Constituíram segredo para os pequenos industriais, só as conhecendo os do «Grupo dos Sete» que insistentemente supplicavam a Deus que por largos anos conservasse a Ditadura a fim de resolver o momentoso problema financeiro... deles!

Maldito «Grupo dos Sete»!... Mas era só pela maneira já exposta que ele exercia a sua acção em benefício dos cinco grandes industriais? Era só explorando os pequenos industriais que eles conseguiram o seu objectivo, ou seja pagar o menos possível? Não!... Isso não era o suficiente! Não se contentavam ainda! Ao mesmo tempo, exploravam também o Estado, esse riquíssimo potentado que aguenta com tudo. E como?

No apuramento do lucro presumível tributável das cinco grandes firmas pela aplicação das respectivas percentagens! O Secretário de Finanças sabia muito bem, porque no-lo disse já, que a percentagem que deve servir para apurar o

lucro presumível tributável de cada contribuinte deve ser a média das percentagens constantes da tabela anexa ao decreto n.º 8830 correspondentes aos artigos ou géneros que se transacionam no respectivo estabelecimento. Salvo erro, deve ser assim! Um estabelecimento que vende vinhos, mercearia, louças, perfumarias etc., a percentagem a aplicar deverá ser a média das percentagens correspondentes. Assim o fazia o Secretário de Finanças conforme no-lo mostrou.

Mas para os grandes industriais? Para as fábricas de fição de lã, a percentagem é de 10%; para a de ulimação é de 10% e para a de tecidos de lã é de 8%. Pois bem!

Os pequenos industriais, que só tinham teares manuais, a percentagem aplicada foi de 8%; os que tinham fábricas de fição foi de 10% e de ulimação foi de 10%.

Para os grandes industriais, que tinham fábrica de fição, ulimação, tece-lagem, tinturaria etc. em vez de a sua percentagem ser a média das diversas percentagens, ou seja 9,3 ou melhor 9%, como era para outro contribuinte, o Secretário de Finanças applicava-lhe a percentagem de 8%, correspondente apenas aos teares que possuíam!

Era como se tivessem apenas teares, como os pequenos industriais! E a percentagem correspondente às fábricas de fição e ulimação? Os lucros da fição e da ulimação, não se contavam para eles!...

Os lucros presumíveis tributáveis dos pequenos industriais que tinham de pagar 2550 pela fição de cada quilo de lã e 9300 pela ulimação de cada peça de sorrobo, foram apurados pela percentagem que para os grandes industriais tinham fição, tece-lagem, ulimação etc.!

Para todos, 8%! Que lindoso!... E assim, só desta forma, na diferença de percentagem, as cinco firmas ficaram beneficiadas, em cada ano, em bastantes milhares de escudos que o Estado deixou de perceber! Que adeanta isso, dizia o Secretário de Finanças, ao Estado não lhe faz diferença! Que belo defensor dos interesses da Fazenda Nacional! Mas que belo defensor dos seus interesses... partidulares!

Mas... deixemos isso. Como foi feita a determinação das transacções dos industriais de lanifícios para o ano de 1930-1931?

Os leitores já devem ter feito uma páida ideia sobre o que foi esse autêntico escandaloso, obra prima do Secretário de Finanças e do Tesoureiro da Fazenda Pública, que o Ex.º Director de Finanças com rara felicidade focou na carta, bastante significativa e elucidativa, que publicou em resposta a J. A., com estas duas inocentes perguntas:

«Em que parte do globo vivia o sr. J. A., presentemente tão sensível às desgraças alheias, quando os teares manuais da grande maioria dos contribuintes com as excepções que todos conhecem, incluindo o sr. J. A., tinham uma tributação correspondente a perto de 40 contos de produção, constituindo um grande canudo para os pequenos industriais?»

Por onde andava o articulista de a «Justiça de Cauado», agora tão dorido dos males dos outros, quando uma máquina de barretes manual, pagava o imposto correspondente a 120 contos de produção e algumas mecânicas tinham transacções que só se viam... por um canudo e outras andavam à roda de 60 contos?»

Até repugna acreditar, mas são verdadeiras como punhos! O «Grupo dos Sete»... ficou tonto!

Como no ano anterior, a comissão encarregada da determinação do quantitativo das transacções dos industriais de lanifícios foi constituída pelo Secretário de Finanças e Tesoureiro da Fazenda Pública, delegado do Ex.º Director de Finanças, que, como mandatário do «Grupo dos Sete», prosseguiu na sua missão atarefada e árdua de explorar os pequenos industriais em benefício exclusivo dos seis associados, divisa máxima do «Grupo dos Sete». E qual foi então a base que estes dois funcionários entenderam dever tomar na determinação das transacções para 1930-1931? Disse-o já o Ex.º Director de Finanças, que era quanto bastava, mas entendemos convenientemente repeti-lo.

O tear manual foi para perto de 40.000.000; a máquina de barretes manual foi para 120.000.000; a máquina de barretes mecânica ficou em 60.000.000 e outras... em nada e os teares mecânicos dos grandes... ficaram em perto de 40.000.000!

Em resumo: Subiram os teares manuais e máquinas de barretes manuais

Biblioteca Nacional Lisboa



Filiação no Sindicato da Pequena Imprensa e Imprensa Regional

Semanario defensor dos interesses dos concelhos do norte do distrito de Leiria

Composição e Impressão

DIRECTOR E EDITOR:

Propriedade e Administração

TIPOGRAFIA FIGUEIROENSE

Doutor Manuel Simões Barreiros

Empresa A REGENERAÇÃO

Demos consciência à Nação!

Foi este o brado com que o «Diário de Notícias» iniciou, em hora feliz, a sua campanha contra o analfabetismo.

E se é ainda cedo para augurar até onde irão os resultados benéficos dessa boa iniciativa, o que se pode, entretanto, já constatar é que, em todo o país parecem acordar as chamadas forças dirigentes e corresponderem ao apelo lançado, querendo contribuir para exterminar essa manobra negra do velho Portugal.

O analfabetismo é um dos nossos maiores males. Se indagarmos cuidadosamente donde provêm os nossos maiores descabros e calamidades, veremos que é, principalmente, na nossa falta de instrução, de cultura e de educação, que reside a sua causa primordial.

O nosso desenvolvimento económico depende, em grande parte, do valor da instrução do povo. Um povo ignaro, que não sabe ler, que não estuda, que não acompanha a marcha progressiva da civilização, em todos os ramos da sua actividade, vive muitos séculos atrasados do grau de perfeição, que o livro e a Escola lhe podiam garantir.

O analfabetismo inferiorisa o homem, a sociedade em que ele vegeta, e até, e muito principalmente, o Estado que o representa.

Os poderes públicos vão certamente dispensar a este problema, a sua máxima atenção. E com a multiplicação de escolas e de educadores, entrará na vida nacional mais luz, mais riqueza, mais verdade.

Que assim seja e a República terá realizado na sua vida, a sua obra mais perfeita e grandiosa.

* * *

No nosso concelho, confessamos com prazer, está também o problema da instrução em vias de boa solução, sendo objecto do maior carinho por parte da Comissão Administrativa da Câmara e dalguns particulares.

Assim, graças aos esforços da nossa edilidade está a proceder-se à construção duma escola no Fontão Fundeiro, Campêlo; pôs-se a funcionar a escola feminina de Figueiró; realizaram-se importantes reparações na escola de Aguda e estão-se fornecendo de material escolar as escolas de quasi todo o concelho.

Na Jarda e Vale Bom, da freguesia de Arega, também vão ser postas a funcionar duas escolas, graças ao esforço leal e desinteressado dum grande amigo da instrução daquela freguesia o sr. José Simões Baião, da Jarda, tendo já uma delas, a do Vale Bom, sido provido de todo o material didáctico, pela Câmara Municipal.

Também se trabalha no estudo das possibilidades de construir um novo edificio escolar nesta vila e com ambiente de amor e carinho pela instrução, se secunda a patriótica iniciativa contra o analfabetismo.

Muito bem. Umas das maiores vantagens e desbravemos caminha, novos e ignorantes, fazem de nós os portugueses perfeitos cidadãos, de consciencia elevada, de vontade firme e efectiva, que sejam úteis elementos na Família e no Trabalho.

A. Severo

UMA CARTA

Lisboa, 12 de Outubro de 1931.

Ex.º Sr. Dr. Manuel Simões Barreiros

Dig.º Director de «A Regeneração»

Figueiró dos Vinhos.

Quando lido com muito interesse todas as suas campanhas, destinadas especialmente, a fazer dessa linda terra, uma região próspera, bonita e encantadora.

Para isso V. Ex.ª não se poupa a esforços, batalhar e vencer e honra lhe seja! Não poupa ninguém.

Ora logo que V. Ex.ª deseja nessa terra fazer progresso e criar um bom ambiente de moralidade, venho pedir-lhe que verbete como deve, este extraordinário tacto que lhe vou referir:

Em Julho de 1930 cheguei à estação de Pombal, vindo para Figueiró dos Vinhos, e tomei lugar na camioneta de César Neto & Candosa, do Bolo, tendo entregado ao motorista dois pacotes, contendo um, diversas bijuterias e outro

várias peças de vestuário, entre as quais, um sobretudo e um fato completo, em estado de novo.

Por artes mágicas, que não discuto, nem avento, os pacotes desapareceram da camioneta, durante o trajeto, tendo sido dias depois encontrado o das bijuterias. O outro foi um ar que lhe deu.

Como me supunham terras de direitos e de deveres e julgava também, que a firma Candosa, quando toma conta da bagagem dos seus passageiros, a entrega pontualmente, ou então quando a faz desaparecer, tendo pelo menos responsabilidade no seu desaparecimento, paga com honradez o seu valor, procurei, por várias vezes, junto daquela firma receber o que tanto me tinha custado a ganhar.

Afinal foi tudo baldado. O sr. Candosa, nunca passou de promessas de palavras e eu — pobre ingenuo — entendi que era chegado o momento de pedir a intervenção da policia. E assim dirigi-me em Pombal ao sr. Administrador do Concelho, queixando-me de que tinha sido vítima de aquele logro. Infelizmente não fui melhor sucedido, porque esta autoridade não me quiz tomar conta da queixa, deixou-me no seu gabinete a discutir

sinho com o motorista e aconselhou-me a ir com o caso para Juizo.

Vejo agora no seu lido jornal n.º 276, de 10 do corrente, que há quem tenha nas camionetas da Empresa Candosa, passagens de graça e que no tocante a camionetas, que fazem serviços de passageiros entre Pombal e Castanheira de Pera, se fiscalizam muito as horas das entradas e das saídas, os horários, os passageiros e as reclamações destes, mas é apenas quanto à única camioneta que faz sombra e concorrência à Empresa Candosa; o que de certo modo, talvez explique a arrogancia com que este ultimamente me fala, jactando se de ter tantas e tão afortunadas relações que até transporta quasi diariamente e por preços módicos, as melhores autoridades desta região.

Não está certo sr. director, que eu seja lesado em proveito dos outros. Entendo que quem quer passageiros nas suas camionetas deve proceder com elas, com honra e honestidade. E aqueles a quem nos recorreremos, para defender os nossos interesses prejudicados, devem proceder com igual isenção e imparcialidade, para todos. A indicação de que devo ir com este

DEVIDO ao excesso de original publicados hoje, em suplemento ao n.º 277 de «A Regeneração», estas duas páginas. Como continuamos a não ter o pessoal tipográfico convenientemente preparado para a impressão semanal de jornal, sairá este ainda de quinze em quinze dias, até persistir a mesma causa.

FUI transferido a seu pedido, de Aviz para Moura, e nosso amigo sr. Marcel Moreira de Freitas distinto Secretário de Finanças.

NOS próximos dias 1 e 2 de Novembro, uma comissão de senhoras desta vila, fará um pedatório a porta do cemitério, para obter recursos para se proceder à construção dum pavilhão destinado ao Instituto do cancro de Lisboa. Não quiseram as gentis senhoras da nossa terra deixar de acolher com a sua bondade e o auxilio a iniciativa do «Diário de Notícias», pelo que são dignas de todo o nosso aplauso e carinho.

PERANTE bastante assistência, que o ouviu sempre cheia de religiosidade, fez a sua semana de conferências nesta vila, o Reverendo Bernardo de Chousal, conego de Evora, que se revelou um orador sagrado, de conhecimentos vastos e profundos, tendo porisso agrado sobremaneira aos numerosos crantes que, todas as noites enchiam completamente o templo de São João Baptista.

NO próximo dia 5 do Novembro vão à praça as seguintes obras nas nossas estradas: Rampa n.º de 128.000m de xisto de 1.º e 2.º ordem, colocado na E. D. N.º 120 — K.º 54.500 a 57.500 — Base de licitação, 2.880\$00.

Fornecimento de 150.000m de granito ou seixo britado, colocado na E. D. 121 — K.º — 14.000 a 16.000 (Ramal para Figueiró dos Vinhos).

As arrematações realizam-se na Sala da Câmara.

caso para os tribunais é apenas pretender que eu aplique um suspensio hum morte, visto que nos tribunais, nem dentro de alguns anos sou reparado do prejuizo sofrido e quando o for, já tenho dispendido cinquenta vezes mais o valor do caso.

Enfim, sr. director, eu sou dos que pago passagem e assim julgo estar no meu direito, reclamando o que me pertence. Lá que tenha com os meus fatos de pagar as bórlas dos outros é que não está certo.

Pela publicação destas linhas se concessa agradecido o

De V. Ex.ª com muita consideração

Joaquim Furtado Saraiva

Visado pelo Censor, de Tomar

Anúncio

COMARCA DE FIGUEIRÓ
DOS VINHOS

(2.ª Publicação)

Faz-se saber que no dia 8 de Novembro próximo, pelas 12 horas à porta do Tribunal Judicial desta comarca, vão à praça para serem arrematados pelo maior preço oferecido além do indicado, os imóveis descritos, e no dia 15 do mesmo mês, á mesma hora no lugar da Sapateira, vão á praça os moveis indicados tudo arrolado na falência que José Tomaz Henriques Novo e Adelino Tomaz, proprietários da Sapateira, moveram contra Alfredo Henriques dos Santos, comerciante, daquele mesmo lugar.

IMOVEIS

1.º—Uma morada de casas, de sobrado, lojas e quintal, no sitio e limite do Vilar, freguesia de Castanheira de Pera, confronta do sul com estrada pública; norte com Francisco Peralta, poente com estrada pública e nascente com herdeiros de Adelino Bernardo Fernandes, vai à praça no valor de 5.000\$00

2.º—Uma casa que serve de palheiro, sita ao oteiro, dito limite e freguesia confrontando do nascente e norte com Augusto Alves Pereira, poente e sul com estrada pública, vai à praça no valor de 400\$00

3.º—Uma casa que também serve de Palheiro e terreno contiguo, no lugar do Vilar, dito limite e freguesia, confronta do nascente e poente com estrada pública, nota com Gustavo Alves Bebianio, e sul com Francisco Alexandre, vai à praça no valor de 1.000\$00

4.º—Uma sorte de terra sita ao Pelóme de Cima, dito limite e freguesia, confrontando do nascente e poente com estrada e norte com o caminho e sul com herdeiros de José Henrique dos Santos, vai à praça no valor de 400\$00

5.º—Uma outra sorte de terra, sita ao Pelóme de Baixo, limite e freguesia dita, confrontando do nascente e norte com a estrada distrital, sul com Alfredo Alves Pereira e poente com Francisco Peralta, vai à praça no valor de 400\$00

6.º—Uma sorte de terra com oliveiras, sita à Linteira, dito limite e freguesia, confrontando do sul com estrada; poente com Augusto Alves Pereira; nascente e norte com Gustavo Alves Bebianio, vai à praça no valor de 200\$00

7.º—Uma sorte de terra ao Pelóme de Baixo, dito limite e freguesia, confronta do nascente com estrada distrital; sul com herdeiros do José Nunes, norte com Francisco Alves de Carvalho, vai à praça no valor de 200\$00

8.º—O direito a uma terça parte duma sorte de terra, sita ao Pelóme de Baixo, limite e freguesia, dito confronta do nascente com Antonio Alves de Carvalho, poente com estrada, norte com Albano Alves de Carvalho e sul com Francisco Peralta, vai à praça no valor de 200\$00

9.º—O direito a uma terça parte de uma sorte de terra, sita ao Ribeiro da Sapateira, dito limite e freguesia, confronta do nascente com o ribeiro; norte com Domingos Henriques Veras, poente com a estrada a sul com Domingos Peralta, vai à praça no valor de 200\$00

10.º—O direito a metade de um olival, sita ao Vale da Rixa, limite e freguesia ditos, confronta do nascente com Manuel Joaquim Canário; norte com a estrada, sul com Regateira e poente com José Francisco do Bôlo, vai à praça no valor de 300\$00

11.º—Uma sorte de terra sita ao Régo, mesmo limite e freguesia, confronta do nascente com Miguel Henriques de Carvalho, sul com Régo; norte e poente com herdeiros de Francisco Alves, vai à praça no valor de 80\$00

12.º—O direito a uma quarta parte duma sorte de terra com carvalhas, sita à Relva, limite e freguesia ditos, confronta do nascente com estrada; norte com Maria do Barreiro; sul com Regateira o poente com Gustavo Alves Bebianio, vai à praça no valor de 100\$00

13.º—Uma terra sita ao Alqueve do Vilar, freguesia dita, confronta do nascente, poente e sul com Domingos Peralta e norte com o caminho, vai à praça no valor de 200\$00

14.º—O direito a metade de um pinhal sito à Malhada dos Bois, limite e freguesia ditos, confronta do nascente com José Henriques Veras, poente com José Maria Henriques Viega; norte e sul com estrada, vai à praça no valor de 100\$00

15.º—Um pinhal ao Ribeiro da Sapateira, limite e freguesia ditos, confronta do nascente com Maria Rosa; poente com José Henriques de Pera, sul com a estrada e norte com Manuel Bernardo, vai à praça no valor de 150\$00

Todos estes predios são situados no limite do Vilar, freguesia de Castanheira de Pera.

MOVEIS

16.º—Catorze pares de tamancos, vão à praça no valor de 60\$00

17.º—Uma garrafa de vinho do porto e duas de xarope, cheias; e uma de vinho do porto e outra de xarope, quasi cheias, vão à praça no valor de vinte e cinco escudos; cinco quilos e novecentas grammas de prego de tamancos; vinte e duas e meia velas de esterina; nove novelos de linhol e trinta

e quatro novelos de fio de vela, vão à praça no valor de 90\$00

18.º—Trinta e uma limas, de diversos feitios, grandes, vão à praça no valor de 50\$00

19.º—Vinte limas mais pequenas, cinco cabeças de martelos, quinze caixas de pomada, para calçado e duas cartas de protectores para calçado, uma já encertada, vai à praça no valor de 80\$00

20.º—Sete quilos de café; dois pacotes de cacau; duas garrafas de vidro vasia; três bacias de esmalte, pequenas, vão à praça no valor de 50\$00

21.º—Um lote de pano para caixões, vai à praça no valor de 50\$00

22.º—Um outro lote de pano para caixões, vai à praça no valor de 50\$00

23.º—Um lote de papel para carta e uma caixa de galões para caixões, vai à praça no valor de 50\$00

24.º—Seis pacotes e meio de pregos, cinco pacotes de papel «Rei de Basto», dezanove carros de linhas; uma fechadura inglesa e uma caixa com borrachas pequenas vão à praça no valor de 50\$00

25.º—Trinta carros de linhas, grandes, duas cartas de alfinetes e uma caixa de alfinetes do dama e ainda seiscentos e cinquenta grammas de isca, vão à praça no valor de 50\$00

26.º—Uma caixa de fio de vela; dois quilos de café, um par de tamancos; doze copos de diversos tamanhos e uma panela grande de esmalte e uma lata com café de cevada, vão à praça no valor de 50\$00

27.º—Uma fechadura inglesa, uma torneira de metal amarelo; três fechaduras para caixões; um serrote velho; duas cafeteiras e duas assadeiras de esmalte; uma bacia de esmalte e dezasseis copos de diversos tamanhos, vão à praça no valor de 50\$00

28.º—Uma balança de braços com sete pesos de metal e dez de ferro, vão à praça no valor de 60\$00

29.º—Duas torneiras de metal; uma frigideira, três testos e um pequeno jarro, de esmalte; e uma tesoura de costura, vão à praça no valor de 50\$00

30.º—Oito quilos de sabão rosa; quatro pesos de ferro; sete chapéus, pequenos, de palha; dezoito carros de linhas pretas, um lote de cartuchos de papel para embrulho; um pacote de brochas; uma bilha de lata; três caixas de ilhoz para sapatos; três onças de tabaco superior e uma mão de caixão, vão à praça no valor de 50\$00

31.º—Dez quilos de macarão, dentro duma tulha; cinco quilos de assucar e dez quilos de arroz dentro de sacos, vão à praça no valor de 50\$00

32.º—Dezasseis pinceis grandes e onze pequenos vão à praça no valor de 50\$00

33.º—Um caixote com qua-

renta torneiras e catorze colheres, vão à praça no valor de 50\$00

34.º—Três lotes de panos e galões para caixões, vai à praça no valor de 80\$00

35.º—Onze garrafas de cerveja, cheias e dezanove vasia; trinta e quatro pirolitos cheios e quinze vasia, vão à praça no valor de 50\$00

36.º—Uma balança romana com o seu pilão; quatro vassouras de mão; duas quartas e uma lanterna, vão à praça no valor de 50\$00

37.º—Dezate quilos de corda, vão à praça no valor de 105\$00

38.º—Um garrafão de vidro, com cerca de três litros de azeite, tendo um funil e medida em cima; um outro garrafão, também de vidro e m vinho; três panelas de ferro, vão à praça no valor de 50\$00

39.º—Um caixote e uma bacia de zinco com vidros, vai à praça no valor de 50\$00

40.º—Uma lata com petróleo dentro e uma medida com funil, vai à praça no valor de 50\$00

41.º—Um cabaz contendo atacadores e vários outros objectos, vai à praça no valor de 80\$00

42.º—Um caixote contendo fechaduras, martelos e varia sucata. Uma lata também com sucata, vai à praça no valor de 80\$00

43.º—Dois caixotes e uma cesta contendo pregos e fechos diversos, vai à praça no valor de 75\$00

44.º—Dezasseis garrafas vasia; um pipe grande e um pequeno, aquele vasio e este com abafado, vai à praça no valor de 80\$00

45.º—Um pipe com três almudes de vinho tinto, vai à praça no valor de 80\$00

46.º—Sete peças de ferro; três latas; um saco e um caixote com sal; uma torneira de pau e dezanove folhas de lixa para madeira, vai à praça no valor de 50\$00

47.º—Uma cama de ferro com enxergão, uma mesa de cabeceira e um lavatorio com bacia de pó de pedra e duas cadeiras, vai à praça no valor de 150\$00

48.º—Um serviço de louça para jantar (Vista Alegre) com noventa e duas peças, vai à praça no valor de 250\$00

49.º—Um serviço de chá, incompleto, com vinte e nove peças, vai à praça no valor de 80\$00

50.º—Quarenta e cinco pratos brancos e uma manteigueira sem tampa, seis colheres de alpaca para chá e outras seis para café, vai à praça no valor de 50\$00

51.º—Sessenta e sete copos de diversos tamanhos e feitios, um paliteiro e uma caneca de vidro ou antes, uma garrafa de vidro, vai à praça no valor de 50\$00

52.º—Um guarda louça de castanho, vai à praça no valor de 220\$00

53.º—Uma cómoda de cerejeira, vai à praça no valor de 150\$00

54.º—Um relógio de sala e um espelho, vai à praça no valor de 100\$00

55.º—Duas cadeiras, uma arca e uma mesa, vai à praça no valor de 50\$00

56.º—Uma mesa grande de pinho, duas arca, sendo uma de castanho e outra de pinho, duas cadeiras; quatro pranchas de castanho; sete torças de castanho e tres barretes de castanho, vai à praça no valor de 80\$00

57.º—Cinquenta e seis peças de

Anuncio

JUIZO COMERCIAL DE FIGUEIRÓ
DOS VINHOS

2.ª Praça

Faz-se saber que no dia 1 de Outubro próximo, pelas 12 horas à porta do tribunal judicial desta comarca, vão à praça pela 2.ª vez os prédios abaixo indicados, para serem arrematados pelo maior lance oferecido, além do preço marcado e que foram penhorados na execução de sentença que Anselmo Alves Tomaz Agria, casado, comerciante, desta vila, move contra António Simões de Carvalho e mulher, do lugar da Aguda.

IMOVEIS

1.º—O direito a 1/8 parte de uma terra de amanhado com oliveiras, sita à Quinta da Fonte de Aguda, confrontando do nascente com Augusto Freire, norte com Ambrosio Carvalho de Abreu, sul com herdeiros de José Barbeiro e poente com Adelino José Lopes. Vai à praça aquele direito um 100\$00

2.º—Uma morada de casas de habitação no lugar e freguesia de Aguda, parte do nascente com estrada pública, norte com a serventia, sul com Alberto Rosa e poente com António Antunes Ladeira, vai à praça no valor de 350\$00

Pelo presente são citados quaisquer credores incertos.

Figueiró dos Vinhos aos 27 de Outubro de 1931.

O escrivão do 2.º officio
Joaquim José da Conceição Junior

Verifiquei a exactidão
O Juiz de Direito Substituto

Lacerda e Costa

Anuncio

COMARCA DE FIGUEIRÓ
DOS VINHOS

Éditos de 30 dias

Pelo Juizo de Direito de Figueiró dos Vinhos, cartorio do 2.º officio, e autos de Justificação avulsa em que é requerente Julia da Conceição Silva, viuva, proprietaria, residente no lugar dos Muninhos Fundeiros, desta comarca, correm editos de 30 dias a contar da 2.ª e ultima publicação dos presentes editos citando qualquer interessado que se julgue com direito de partilhar da herança deixada por António da Silva Mendes, falecido em São Tomé e casado que foi com aquela requerente, para na 2.ª audiencia posterior ao prazo dos editos, deduzir por artigos a sua habilitação.

As audiencias ordinárias neste Juizo teem logar ás segundas e quintas feiras não sendo dia feriado, porque sendo o teem logar no seguinte, pelas 11 horas no Tribunal Judicial sito á praça José Malhoa desta vila.

Figueiró dos Vinhos, aos 22 de Outubro de 1931.

O escrivão do 2.º officio,
Joaquim José da Conceição Junior

Verifiquei a exactidão
O Juiz de Direito,

Alfredo Rego

castanho entre elas alguns barretes e quatro molhos de folha de milho, vai à praça no valor de 100\$00

Pelo presente são citados quaisquer credores incertos.

Figueiró dos Vinhos, 17 de Outubro de 1931.

O escrivão do 2.º officio,
Joaquim José da Conceição Junior

Verifiquei a exactidão
O Juiz de Direito,
Alfredo Rego